

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

PERFIL

Bê-á-bá em forma de estátua

Paulo Freire, criador de cartilha e casos, é entronizado como mestre internacional

GERALDO MAYRINK

Quando entrou no 1º ano do ginásio Recife, aos 15 anos, o aluno Paulo Reglus Neves Freire tinha um triste atraso no currículo e ainda por cima usava calças curtas. Escrevia "rato" com dois erros. Era um ignorante. Muitos anos depois, com mais de 50 e vivendo em Genebra, Suíça, dava aulas na universidade de lá. Se entrava em restaurante, pedia *chômage* (desemprego) em vez de *fromage* (queijo). Ele não balbuciava mais do que um *good morning* num dia de 1969 em que pisou pela primeira vez numa universidade americana, a Harvard, entre as muitas onde ensinou. Mas tinha um método famoso, de alfabetização, e com ele consagrou-se monoglotamente. Método, vida e aplausos estão reunidos num livro-monumento lançado há um mês.

Paulo Freire: uma Biobibliografia é um trocadilho e um espanto. Até para o homenageado. "Não conheço nem 5% do que está escrito lá a meu respeito", diz. Não poderia ser falsa modéstia. Com 766 páginas, é obra de 150 autores, citando 3 000 estudiosos ou admiradores nacionais e internacionais. "Recebemos uns 300 textos do mundo todo, e isso era mais do que cabia no livro. Desprezamos muita coisa", diz Moacir Gadotti, professor de filosofia da educação da Universidade de São Paulo e organizador do volume. Tudo o que ali se lista, de reflexões ao currículo, é carinhoso e grandioso. Fica-se sabendo que Freire viveu dezesseis anos no exílio e hoje é cidadão honorário de nove cidades brasileiras, de São Paulo a Angicos (RN), além de Los Angeles (EUA). Que é doutor *honoris causa* por 28 universidades brasileiras e estrangeiras. Que sua obra, de uma centena de trabalhos, está traduzida em duas dezenas de línguas, inclusive chinês e grego.

O ex-reitor da Universidade de Brasília e hoje governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, explica o lugar do professor no mundo das idéias: "Ele faz parte de um número reduzido, talvez só ele e Celso Furtado, de intelectuais brasileiros que influenciaram o pensamento de uma parte do mundo". Outro educador, o senador Darcy Ribeiro, peca em pensamento ao falar de Freire: "O livro dele, *Pedagogia do Oprimido*, marcou a maioria da pedagogia brasileira. Morri de inveja quando vi numa livraria de Nova York um montão de livros do Paulo ao lado de um montinho do meu *O Processo Civilizatório*".

Tudo o que a legião de discípulos e admiradores de Paulo Freire quer saber está lá, de sua cor (vermelho) ao prato favorito (peixe ao leite de coco). Sua figura pálida, magra e serena suge-



re a de um santo entronizado num altar. Foi ídolo intelectual num país que sempre teve carência deles. "Sei conviver com o diferente", afirma. "Respeito quem acha que eu já era, mas não concordo porque me sinto profundamente sendo." Há quem não goste, mas respeita, como o ensaísta Wilson Martins. "Há dois Freires extremamente influentes em nossa vida intelectual nos últimos cinquenta anos, Gilberto Freyre, figura dominante nas décadas de 30 a 60, e Paulo Freire, que o substituiu dir-se-ia que por revezamento", escreveu, com sua ironia sempre seca. Mas, "no que se refere especificamente ao método, percebe-se agora que se tornou por algum tempo tão misticamente carismático porque parecia prometer a revolução em quarenta horas, assim como em quarenta horas garantia alfabetizar os adultos brasileiros. Com os mesmos resultados", acrescentou. Há, também, quem não goste nem respeite. "O método Paulo Freire nem

“A educação já foi tida como mágica, podia tudo, e como negativa, nada podia. Chegamos à humildade: ela não é a chave de transformação da sociedade”

sequer é dele, é de professores franceses, e não funciona, já se comprovou inviável”, diz outro ex-reitor da Universidade de Brasília, o físico José Carlos Azevedo.

Naquele tempo em que Freire começou a esculpir sua estátua de mestre (e hoje uma delas existe numa praça em Estocolmo, Suécia), havia a imprensa, a polícia e as Forças Armadas, nessa ordem de entrada em cena. No primeiro caso, as 300 pessoas reunidas em Angicos, em 1963. Começava ali o Plano Nacional de Alfabetização, que condenava a “educação bancária”, nas palavras de seu mentor, em que o professor tinha a última palavra, cabendo aos alunos apenas receber “depósitos de conhecimentos”. A experiência pioneira era extraordinária não só do ponto de vista educacional como também eleitoral, a favor do governo. Fizem-se então umas contas.

Pelo método, no país inteiro poderiam aparecer entre 5 e 6 novos milhões de alfabetizados, quer dizer, eleitores. Houve um clamor. A deputada Sandra Cavalcanti escreveu que a filha dele, Madalena, então com 16 anos, ia para a escola descalça apenas para se igualar aos alunos pobres do pai. *O Globo*, nas palavras do colunista Carlos Swann da época, alertou a nação para o fato de que o método era “um programa intensivo de comunicação do Nordeste”. Curiosamente, quem saiu em defesa de Freire e seus analfabetos foi um diplomata americano, James W. Howe, que trabalhava no Rio de Janeiro. Perguntado a respeito, disse que o Projeto Angicos estava longe de ser uma campanha maciça de alfabetização ou qualquer outra coisa: “Trezentas pessoas é muito pouco”. Não por culpa do método, o presidente João Goulart acabou deposto e Freire foi para a cadeia e o exílio — mas também para a glória. Pelo menos é a tese algo mordaz da pedagoga Vanilda Pereira

Paiva, no seu livro *Paulo Freire e o Nacionalismo-Desenvolvimentista*, de 1980. Lá ela afirma que o golpe de 64 salvou as teses de Freire do malogro. Sem tempo de ser criticado no Brasil, o método teria frutificado e sido comentado apenas nos países onde deixou rastro.

São opiniões que remam contra uma maré de convites para conferências e uma correspondência que não pára de chegar à casa de dois andares no bairro do Sumaré, em São Paulo, onde Freire mora e principalmente medita. “Ignorância pelo menos não é crime”, ironiza o professor de longas barbas brancas, que hoje são marca registrada para educadores — ele tem cinco filhos, quatro deles nessa profissão, incluindo Madalena, hoje senhora Francisco Weffort, ministro da Cultura. Sua casa tem muitos quadros e uma enormidade de lembranças. Entre elas, a dos dois anos e meio (até maio de 1991) em que o morador foi secretário de Educação na era petista da cidade de São Paulo e, segundo uma avaliação geral, despediu-se do cargo sem que ninguém sentisse falta. Almoçava rigorosamente em casa, para espanto de seus assessores. Uma vez encerrou subitamente uma reunião às 5 da tarde anunciando que ia ao cinema com a mulher. Em outra, frustrou 5 000 professores que queriam ouvi-lo no estádio do Pacaembu, calando-os. “Não estou com vontade de falar”, disse, antes de virar as costas e ir embora.

Tem em casa uma lareira onde se recolhe nas noites frias e duas bibliotecas na parte de baixo, uma dele, outra da segunda mulher, Ana Maria, historiadora da educação, com quem está casado desde 1988. Falam-se por telefone e são ajudados por duas secretárias. Dali ele sai cada vez menos. Anda sentindo sono muito cedo, por volta das 9 da noite, e não gosta. Concluiu que não há o que fazer: “Minha mente está com 20 anos, mas meu corpo carrega o peso de 75”. Sua única obrigação é participar de um curso de pós-graduação de pedagogos na PUC de São Paulo, uma vez por semana. A casa vive cheia. Freire fala com todos com uma disposição que só não é maior porque às vezes se cansa. Teve um espasmo cerebral no ano passado, em Paris.

Na cadeira doméstica ou no palco de algum auditório sua opinião é a mesma. Sustenta que seu método é hoje até mais atual que três décadas atrás. Ele alveja o que chama de discurso pós-moderno ou neoliberal, para o qual a grande tarefa da educação seria o treino técnico e científico do aluno, para dar-lhe uma utilidade, uma sobrevivência, uma profissão. “É um esgotamento trágico da educação”, diz.

Freire tem um legado espalhado por escolas e instituições do Brasil e do mundo, mas nenhuma é exclusivamente dedicada a ele. Não existe escola freiriana no sentido em que há escolas que se dizem piagetianas ou montessorianas. Cada educador pinça no “método” o que quer e mistura com outros métodos.

Os 19,2 milhões de analfabetos no Brasil de hoje, cerca de 20% da população, formam uma multidão comparativamente menor que a dos anos 60, quando 15,8 milhões de iletrados correspondiam a 39% dos brasileiros. Mas, para Freire, guia ascético e também cético, tudo continua mais ou menos a mesma coisa, apesar da variação estatística. Ele diz: “Nos anos 60 a educação era tida como mágica, tudo podia, nos 70 e 80 era tida como negativa, nada podia. Agora talvez estejamos chegando a uma condição de humildade, aceitando que a educação não é a chave de transformação da sociedade”.

Quem quiser ouvi-lo falar assim em público vai ter de pagar caro. A Universidade de Columbia, por exemplo, quer pagar para lhe espetar no peito uma medalha, mais uma, cujo nome ele nem lembra. Paulo Freire agora só viaja de primeira classe — “não por mordomia burguesa, mas por cansaço mesmo, já não agüento mais”, esclarece.